

* UNIARQ, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa
ruigusmao@hotmail.com

** Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP); Arqueologia & Património
lidiabaptista@arqueologiaepatrimonio.pt

*** Antropóloga, Arqueologia & Património
zelimaria@hotmail.com

Os primeiros enterramentos sidéricos conhecidos na margem esquerda do Guadiana em território português

Rui Monge Soares*
Lídia Baptista**
Zélia Rodrigues***

Resumo Escavados em contexto de minimização de impactes em contexto de obra, durante os trabalhos resultantes do Bloco de Rega de Brinches-Enxoé, os dois enterramentos sidéricos que aqui apresentamos — Montinhos 6 e Monte da Lage (Concelho de Serpa) — vêm integrar e enriquecer o panorama do mundo funerário da Idade do Ferro no Baixo Alentejo, em concreto na margem esquerda do Guadiana, constituindo até agora os primeiros registos funerários desta cronologia conhecidos no referido espaço geográfico.

Abstract Excavated in the context of minimizing impacts resulting from construction works during the Brinches-Enxoé Irrigation plan, the two Iron Age burials presented here — Montinhos 6 and Monte da Lage (Municipality of Serpa) — come to integrate and enrich the knowledge of the funerary world of Iron Age in the Lower Alentejo, in particular on the left bank of the Guadiana river, being so far the first funeral records known with this chronology on that geographic space.

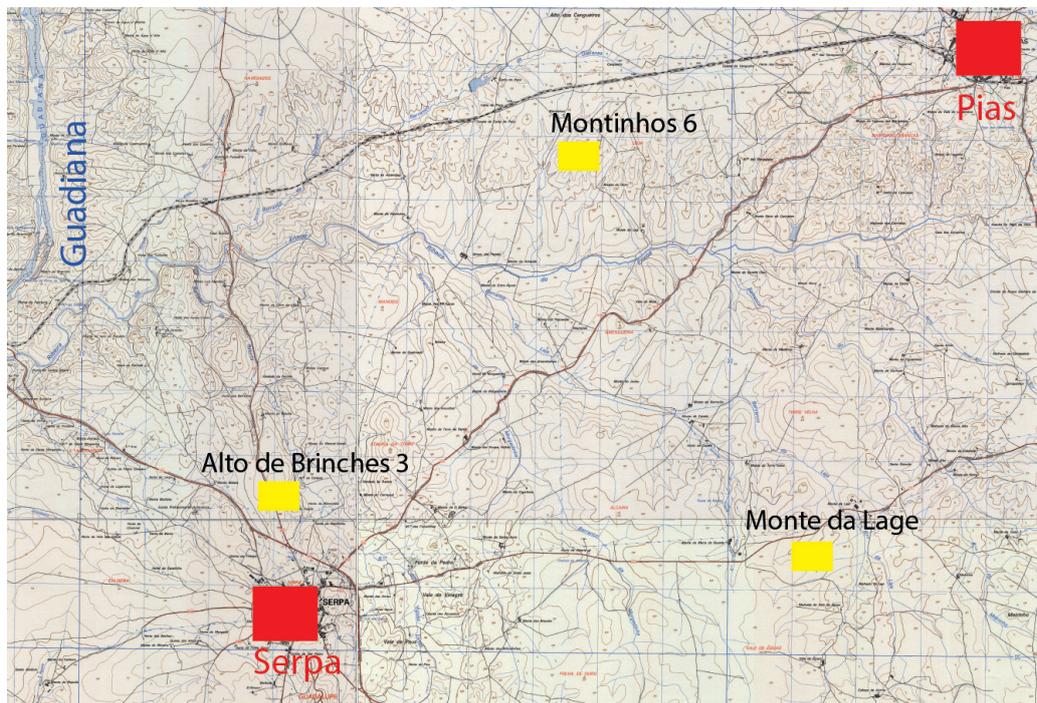


Fig. 1 – Necrópoles da margem esquerda do Guadiana (assinaladas a amarelo).

Introdução

No âmbito do Sistema Global de Rega do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva intervieram-se diversos sítios arqueológicos que seriam afetados pelo Bloco de Rega de Brinches-Enxoé, localizado nas freguesias de Vila Nova de S. Bento, Brinches, Salvador e Santa Maria (Concelho de Serpa, Distrito de Beja). A construção das infraestruturas deste Bloco implicou, tal como em obras desta natureza, a eventualidade de afetação de elementos arqueológicos. Considerando este cenário, a EDIA S.A. lançou um concurso de prestação de serviços no sentido de assegurar a realização de trabalhos arqueológicos de minimização de impactos em contexto de obra, em ocorrências diretamente afetadas pela implementação das infraestruturas e para as quais se viesse a verificar tal necessidade.

Neste sentido, as empresas Histórias & Tempus Lda. e Arqueologia & Património Lda. foram selecionadas para proceder a trabalhos de escavação em diversos sítios arqueológicos, entre os quais destacamos os sítios de Monte da Lage e de Montinhos 6 (Fig. 1), tendo, em ambos os casos, sido intervieridos pela mesma equipa, dirigida por uma das signatárias (L.B.). Estes dois sítios apresentaram abundantes vestígios de cronologia Calcolítica e de Idade do

Bronze (Baptista, Pinheiro & Rodrigues, 2012; Costa, Gomes & Baptista, 2013), tendo ainda em cada um deles sido detetado um enterramento de cronologia sidérica, constituindo precisamente estes dois enterramentos o objeto deste estudo.

Ainda que as necrópoles sidéricas abundem no Baixo Alentejo, podendo referir-se, por exemplo, as necrópoles da zona de Ourique (Arruda, 2001; Correia, 1993; Dias & Coelho, 1983; Dias, Beirão & Coelho, 1970; Deus & Correia, 2005; Soares & Martins, 2013; Vilhena, 2006, 2008) e as necrópoles recentemente conhecidas na região dos “Barros de Beja” (por exemplo: Arruda & *alii*, no prelo; Figueiredo, 2014, pp. 125–131; Figueiredo & Mataloto, no prelo; Salvador & Pereira, 2012; Santos & *alii*, 2009), na margem esquerda do Guadiana em território hoje português, os achados analisados neste artigo constituem os primeiros enterramentos detetados e que serão, agora, objeto de publicação. Revestem-se, assim, de grande importância para o estudo da Idade do Ferro neste território, no qual, até agora, apenas haviam sido conhecidos e estudados sítios de habitat (Soares, 2012, pp. 5–32).

É pois o estudo destas sepulturas, incluindo o do seu espólio e dos restos osteológicos, bem como a sua datação pelo radiocarbono e integração crono-cultural, que é apresentado

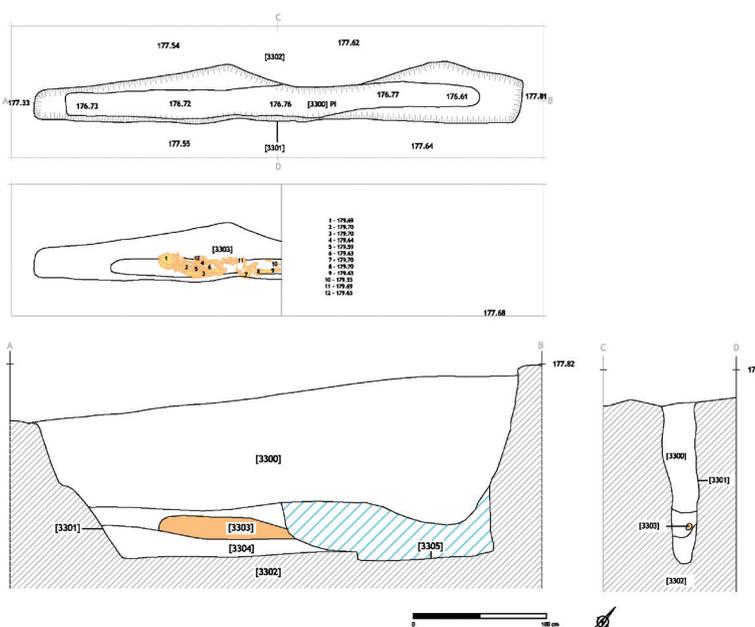


Fig. 2 – Estrutura negativa e enterro de Montinhos 6.

neste trabalho, destacando a sua importância para o conhecimento da Idade do Ferro a nível regional.

Montinhos 6

A intervenção arqueológica, iniciada a 1 de Junho de 2009 (Baptista, Pinheiro & Rodrigues, 2012, p. 170), teve como objetivo a caracterização dos contextos arqueológicos presentes na área a ser afetada no sentido de salvaguardar o registo e o estudo dos vestígios arqueológicos, bem como avaliar o impacto da

execução do Bloco de Rega de Brinches-Enxoé nesta área e, assim, propor eventuais medidas complementares de mitigação.

Assim, no Núcleo I, na vertente NW da colina onde se localiza o sítio, procedeu-se à Sondagem N.º 33, na qual se detetou a existência de uma “vala”, composta por uma estrutura negativa de planta sub-retangular alongada muito estreita (cerca de 3,8 m de comprimento por 0,25 m de largura), de perfil em V e com uma orientação SW-NE. As dimensões e morfologia desta estrutura dificultaram a sua escavação integral, pelo que, após reunião com as entidades competentes, nomeadamente com o IGESPAR, ficou acordado que durante os trabalhos seria necessária a escavação mecânica de parte das paredes no sentido de tornar possível a escavação de todo o seu conteúdo. O registo fotográfico ficou, assim, condicionado a esta alteração da morfologia da estrutura. No entanto, pelo desenho foi assegurado o registo das áreas afetadas (Fig. 2). Assim, após a escavação do sedimento argiloso compactado, de tonalidade acastanhada, que enchia a estrutura negativa, foram então identificadas algumas peças ósseas humanas que permitiram detetar a presença de uma inumação primária (U.E. [3303]).

Foram recuperadas todas as peças ósseas constituintes do esqueleto humano, à exceção das tíbias, perónios e ossos dos pés que terão sido destruídos pela ação mecânica aquando da abertura da vala de secção, mas dos quais não foi possível recuperar qualquer fragmento. Destaque-se ainda a ausência do úmero direito,

o que levanta muitas questões, nomeadamente uma eventual manipulação humana, pois não encontramos quaisquer fatores tafonómicos, quer intrínsecos (estrutura e forma do osso), quer extrínsecos (fauna, flora), que possam explicar este desaparecimento, até porque a parte direita do corpo estava protegida pela esquerda. Neste sentido foram procuradas, sobretudo no cúbito e no rádio direitos, marcas que pudessem evidenciar um eventual desmembramento do corpo, mas não foram encontradas quaisquer marcas de corte intencional.

O indivíduo identificado foi inumado em posição de decúbito lateral direito, numa orientação sudoeste (crânio) – nordeste (pés), com o crânio sobre o lado direito, o membro superior esquerdo completamente fletido sobre as costelas esquerdas e com a mão junto ao ombro, enquanto o membro superior direito (rádio + cúbito) se apresentava ligeiramente fletido sob as últimas vértebras torácicas. Dos membros inferiores apenas se preservaram os fémures, em virtude da afetação mecânica de parte da estrutura, facto que impede uma correta perceção da posição dos mesmos.

O excelente estado de preservação da maioria das peças ósseas exumadas permite, a partir da avaliação das características morfológicas dos ilíacos, ossos mais discriminantes na determinação de um diagnóstico sexual, concluir que se trata de um indivíduo do sexo feminino. Estes elementos exibem características típicas deste sexo, designadamente a grande chanfradura ciática em forma de U, a presença

de sulco pré-auricular, o arco composto duplo e o acetábulo pequeno.

Esta diagnose é corroborada pela análise morfológica ao crânio, elemento ósseo a seguir aos ossos da bacia mais fiável a este exercício, cujas arcadas supraciliares são pouco marcadas, as apófises mastóides são pouco robustas, enquanto a métrica ao úmero esquerdo, com 50 mm de largura epicondiliária, corresponde a um valor que está abaixo do ponto de cisão proposto por Wasterlain (2000).

A extremidade esternal da clavícula esquerda encontra-se encerrada o que permite afirmar que, aquando da sua morte, esta mulher tinha claramente mais de 30 anos. A sua estatura rondaria os 149,31 cm ($\pm 3,23$), determinada a partir dos comprimentos máximos do úmero (260 mm) e do cúbito (227 mm) esquerdos. Quanto aos caracteres morfológicos não métricos neste esqueleto feminino sobressai a presença de perfuração supraclavicular na clavícula esquerda. As peças dentárias estão todas, in situ, exibindo um desgaste dentário acentuado e depósitos de tártaro vestigiais. Já a patologia degenerativa articular surge sob a forma de artrose ligeira a moderada no ombro esquerdo e nas articulações da anca esquerda.

Concluindo, trata-se de um indivíduo do sexo feminino que à data da sua morte tinha claramente mais de 30 anos e cuja estatura rondaria 1,50 m, revelando a análise paleopatológica lesões ao nível da cavidade oral e, também, ao nível do esqueleto (degenerativa articular) não muito graves.

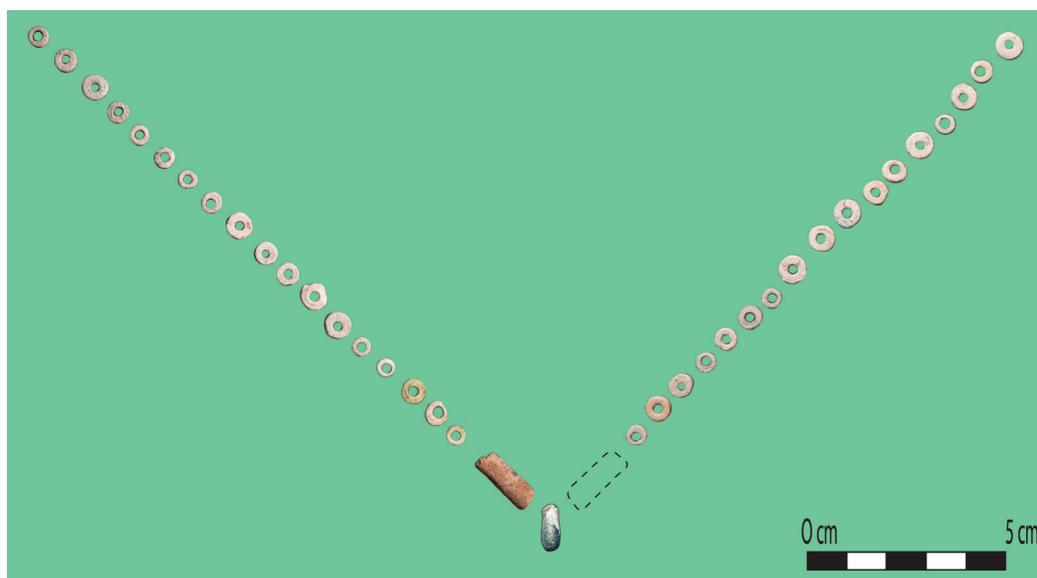
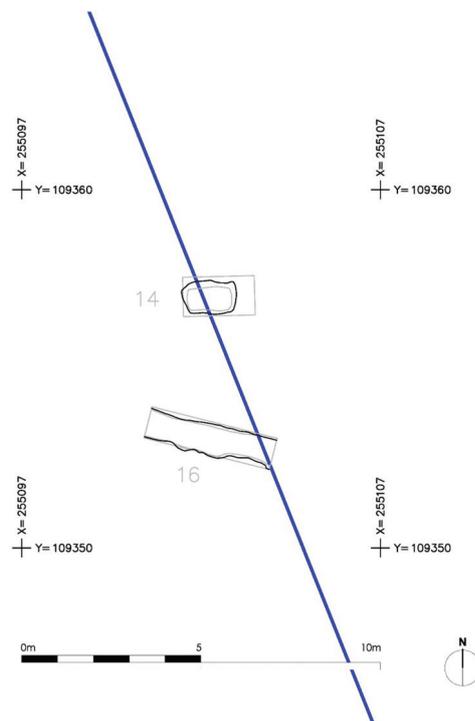


Fig. 3 – Colar de Montinhos 6.

Fig. 4 – Datas de radiocarbono obtidas sobre os esqueletos.

Montinhos 6 [3303]					
Sac-2928	2540 ± 40 BP	(2σ)	802 – 727 cal BC (0,392631);		
			719 – 704 cal BC (0,016104);		
			695 – 541 cal BC (0,591265)		
Monte da Lage [1401]					
Sac-2859	2410 ± 50 BP	(2σ)	753 – 681 cal BC (0,186234);		
			669 – 610 cal BC (0,103216);		
			594 – 397 cal BC (0,71055)		

Fig. 5 – Planta da sepultura (14) e troço de vala/fosso (16) de Monte da Lage.



No que diz respeito ao espólio (Fig. 3) que acompanhava o indivíduo, apenas temos a registar que, na região do pescoço, foram identificadas e recuperadas 39 contas de colar em faiança egípcia, um pendente de pasta vítrea em forma de gota e duas contas tubulares do mesmo material, uma delas incompleta e muito fragmentada, sendo impossível saber se aos pés do indivíduo se encontraria algum espólio, em virtude da já referida ação mecânica.

No que toca à cronologia (Fig. 4), foi efetuada uma datação pelo radiocarbono sobre os restos osteológicos, tendo sido obtida a data 2540 ± 40 BP (Sac-2928), a qual convertida em anos de calendário corresponde a um intervalo de tempo (para 2σ) compreendido entre os inícios do século VIII a.C. e os meados do século VI a.C.

Monte da Lage

A intervenção arqueológica iniciou-se em 23 de outubro de 2009 e, tal como sucedeu no caso de Montinhos 6, em Monte da Lage, a Sondagem N.º 14 destacou-se das restantes efetuadas no local, pela sua morfologia, conteúdo e cronologia. Com efeito, foi identificada uma sepultura com uma inumação individual associada a um espólio cujas características remetem para um período posterior à cronologia identificada nos outros contextos.

Deverá também notar-se que, para além da sepultura com inumação, em seu redor foram detetadas algumas estruturas negativas, as quais são constituídas por troços retilíneos pouco profundos escavados no substrato (Fig. 5). No entanto, dada a área reduzida escavada, não foi possível perceber se se encontram relacionados com a sepultura aqui tratada, ainda que no caso específico da estrutura 16, o facto de ter orientação semelhante à da sepultura, bem como ser idêntica na sua construção (fosso retilíneo, perfil em “U” e de fundo plano, com 20 a 30 cm de profundidade) a alguns dos fossos que delimitam recintos das necrópoles da região de Beja (por exemplo nas necrópoles do Poço Novo 1 e Fareleira 3, segundo Figueiredo & Mataloto, no prelo), levam a que consideremos a hipótese de estarmos perante uma necrópole com um recinto delimitado por fosso, ainda que seja apenas uma hipótese que careceria de confirmação através de uma escavação em área.

Do ponto de vista construtivo (Fig. 6), a sepultura apresenta uma planta sub-retangular com paredes ligeiramente convergentes e um fundo tendencialmente plano. No seu interior, os depósitos que envolviam a inumação apresentavam uma matriz arenosa, coloração castanha clara, de compactação média e homogénea. A UE [1400], que cobria a inumação, apresentava uma inclusão de pequenas pedras de granito e a UE [1402] apresentava-se mais homogénea.

Durante a intervenção de antropologia de campo levada a cabo no dia 5 de dezembro de 2009, foram exumados os restos ósseos de um único indivíduo, sendo que fatores de cariz tafonómico condicionaram a preservação dos restos ósseos e, conseqüentemente, a qualidade dos registos obtidos a nível funerário, paleodemográfico, morfométrico e paleopatológico.

Trata-se da inumação de um indivíduo jovem/adulto do sexo feminino, que foi inumado numa orientação oeste (crânio) – leste (pés) e com a face voltada a sudeste. Apresentava-se com o tronco deposto em decúbito dorsal e os membros inferiores semifletidos para o lado direito, com o esquerdo a sobrepor-se ao direito.

No que concerne aos membros superiores, o esquerdo apresentava-se fletido, num ângulo de aproximadamente 90°, sobre a região do abdómen e o direito fletido para o lado esquerdo, com a mão a repousar sobre as primeiras costelas. Estas posições observadas suscitaram algumas dúvidas quanto ao tipo de deposição adotado aquando da efetivação do enterramento, parecendo-nos que a hipótese de ter sido colocado em posição de decúbito lateral direito pode ser a mais plausível.

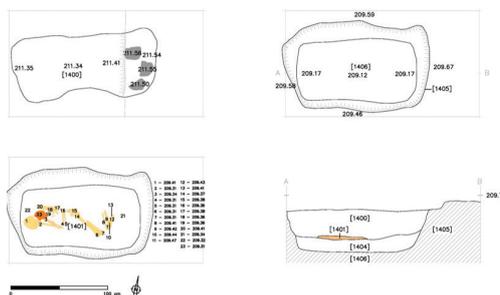
A manutenção da posição original de alguns elementos ósseos, designadamente dos íliaos e dos membros inferiores, que se encontravam um sobre o outro, parecem indicar que, aquando da inumação, o enterramento foi colmatado com terra, facto que parece refutar a existência de uma tampa sobre a sepultura, ainda que outras hipóteses, como a utilização de uma mortalha que mantivesse firmes as peças ósseas durante um período prolongado de tempo, também seja equacionável.

Os elementos ósseos mais credíveis para a determinação do diagnóstico sexual, os íliaos, encontram-se muito fragmentados. Ainda assim, a sua observação em campo, permitiu constatar características tipicamente femininas, designadamente a grande chanfradura, aparentemente em forma de U. Esta diagnose é corroborada pela análise métrica ao rádio esquerdo, cuja medida determinada em campo para o seu comprimento máximo foi de 225 mm, valor que se encontra abaixo do ponto de cisão (227,77 mm, segundo Wasterlain, 2000). Todavia este diagnóstico é, ainda assim, apontado com algumas reservas, dadas todas as condicionantes já supramencionadas.

Apenas foi possível analisar os dentes que foram recuperados soltos, sendo perceptível que o indivíduo já possuía, pelo menos, os terceiros molares superiores completamente formados, constituindo este elemento um indicativo da idade adulta. Contudo, o desgaste dentário observado na maioria dos dentes é fraco a moderado, parecendo apontar para um indivíduo relativamente jovem. No entanto, este

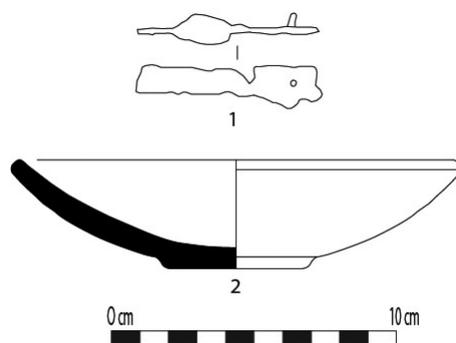


Fig. 6 – Sepultura de Monte da Lage (Estrutura 14).



enquadramento etário deve ser encarado com reservas, dado que o desgaste dentário não está diretamente correlacionado com a idade. As análises métricas ao úmero e ao fémur esquerdos com comprimentos máximos aproximados de, respetivamente, 275 mm e 430 mm, permitiram estimar uma estatura para este indivíduo que rondaria entre os 153,33 cm ($\pm 3,13$) e os 159,3 cm ($\pm 5,96$). Estes valores foram estimados com o recurso a medidas obtidas em campo, salientando-se, desta forma, a extrema importância da antropologia de campo. Foram ainda encontradas evidências paleopatológicas, não muito graves, de cariz oral (desgaste dentário e tártaro) que parecem traduzir, sobretudo, parcos cuidados de saúde oral, degenerativo e, provavelmente, infeccioso, que, no entanto, não permitem retirar grandes ilações acerca do *modus vivendi* deste indivíduo. Concluindo, a análise laboratorial revelou um indivíduo adulto, provavelmente, do sexo feminino, que, aquando da sua morte, ainda seria relativamente jovem. Esta mulher, cujos ossos longos revelaram uma robustez mediana, possuiria uma estatura de cerca de metro e meio. Em associação direta com o indivíduo, mais concretamente, sobre a região do pescoço e do ombro esquerdo, foi identificada uma tigela de cerâmica comum local (cozedura redutora e e.n.p. finos muito frequentes) feita a torno, sobre a qual foi ainda recuperado um pequeno fragmento de ferro com um rebite,

Fig. 7 – Fragmento de faca de ferro com rebite (1) e tigela de cerâmica local a torno (2).



pertencente a uma faca afalcatada (Fig. 7). Também este enterramento foi datado pelo radiocarbono (Fig. 4). A data obtida sobre os restos osteológicos, 2410 ± 50 BP (Sac-2859), quando calibrada (para 2σ), corresponde a um intervalo de tempo entre os meados do século VIII a.C. e os finais do século V a.C.

Discussão

Observando as duas inumações aqui analisadas, em ambos os casos, estas constituem enterramentos singulares, realizados em estruturas negativas simples, escavadas no substrato geológico e desprovidas de qualquer elemento pétreo. O resultado da análise paleoantropológica aponta para a presença de dois enterramentos femininos, sendo o espólio que os acompanha muito escasso.

No que diz respeito a Monte da Lage, gostaríamos em primeiro lugar de colocar em evidência a semelhança desta sepultura com um enterramento detetado no Alto de Brinches 3 (Fig. 1) (Rodrigues & *alii*, 2012, pp. 75, 76; Alves & *alii*, 2014), identificado como de possível cronologia romana, mas o qual continha um indivíduo inumado numa sepultura sub-retangular pouco profunda escavada no substrato, em decúbito dorsal direito, com os membros fletidos, mãos junto ao crânio e orientação oeste (Crânio) – leste (Pés), sendo acompanhado por um anel de cobre, uma conta de colar de vidro e uma faca de ferro, facto que nos leva a ponderar que a este enterramento poderá também corresponder uma cronologia da Idade do Ferro, ainda que esta seja apenas uma hipótese a confirmar no futuro.

Sobre o espólio de Monte da Lage, a tigela cerâmica feita ao torno e a faca de ferro correspondem a um tipo de espólio tipicamente

presente em diversos enterramentos sidéricos, sendo de notar, contudo, a ausência de contas de colar. A presença de uma tigela de cerâmica de morfologia típica de toda a Idade do Ferro (Soares, 2012, pp. 49–55), utilizada como contentor de oferendas em rituais associados à morte, encontra paralelo no caso das necrópoles da Idade do Ferro da região de Ourique, nomeadamente, na da Herdade do Pêgo, na sua sepultura IV, precisamente com uma tigela contendo uma faca afalcatada de ferro (Dias, Beirão & Coelho, 1970, pp. 189, 211), encontrando-se estas necrópoles datadas desde meados do século VI a.C. a finais do século V a.C. (Arruda, 2001, p. 282).

No que toca à faca afalcatada, a sua funcionalidade tem sido debatida em torno das hipóteses de corresponderem a armas, objetos de uso quotidiano ou ritual, não sendo possível afastar completamente qualquer uma das hipóteses (Celestino, ed., 2003, vol. I, p. 317). Cronologicamente, as facas afalcatadas de ferro ocorrem numa geografia e cronologia amplas, desde o século VIII até aos finais da Idade do Ferro, nos mais diversos contextos (Mancebo, 2000), sendo possível citar a sua presença em contextos de necrópole em vários sítios, pelo que referiremos novamente e apenas a título de exemplo, a sepultura IV da Herdade do Pêgo.

Já a orientação oeste-este do inumado, constitui um fator recorrente em alguns enterramentos destas necrópoles, como já foi anteriormente notado (Figueiredo & Mataloto, no prelo). Notamos ainda que a possibilidade de existência de um recinto (Fig. 5) semelhante aos conhecidos na zona de Beja permite-nos equacionar como hipótese de trabalho uma relação ao nível das práticas e arquitetura fúnebres com aquela região. A datação por radiocarbono e o espólio documentado sugerem uma cronologia que se situará entre o século VII e o século V a.C.

No caso de Montinhos 6, a tipologia da estrutura negativa onde se depositou o inumado escapa ao que é até agora habitual nas necrópoles sidéricas do Alentejo, em especial nas mais próximas situadas nos Barros de Beja, facto que nos leva a considerar a hipótese de estarmos perante um enterramento de “oportunidade”, isto é, a utilização como sepultura de uma estrutura negativa pré-existente, sem que o seu propósito inicial se destinasse a esse

fim. A ser verdadeira, esta hipótese levantaria questões importantes sobre as causas de morte do indivíduo inumado. Contudo, em virtude dos escassos dados disponíveis, não nos é possível ir mais além de meras conjecturas sobre uma morte ocorrida em circunstâncias pouco normais.

Sobre a presença de um colar com 39 contas (entre 7 e 3 mm de diâmetro) de faiança e três de vidro, notamos que a existência de contas de faiança possui paralelo em outras necrópoles, em especial na zona de Beja, nomeadamente na necrópole de Vinha das Calças 4 (Arruda & *alii*, no prelo; Gomes, no prelo) e na sepultura 1 da necrópole de Palhais (Santos & *alii*, 2009, p. 761 e fig. 6), na qual foi identificado igualmente um indivíduo do sexo feminino, acompanhado por um colar com 438 contas de faiança (identificadas pelos autores como contas de “pasta vítrea”) com diâmetro variável entre 5 e 3 mm e idênticas às contas de Montinhos 6, contrastando apenas pela maior quantidade destas.

Também na zona de Ourique se registou a presença de onze contas de faiança, nomeadamente na necrópole do Monte de A-do-Mealha Nova, no seu monumento II (Dias, Beirão & Coelho, 1970, pp. 183, 212), as quais possuíam 3 mm de diâmetro por 1 mm de espessura e faziam parte de um colar com contas de vidro e âmbar, sendo que as contas de faiança justapunham-se às contas de vidro oculadas. Notamos que já neste artigo os seus autores reconheciam as contas de faiança (identificadas como “de cerâmica”), como sendo de fabrico egípcio. Importa por fim referir que estas contas, a par dos escaravinhos, constituem os únicos objetos fabricados em faiança egípcia habitualmente presentes nas necrópoles do Alentejo, constituindo importações orientais. Especificamente sobre as contas, notamos que estas constituem adornos muito frequentes no Mediterrâneo Oriental, desde cronologias bastante anteriores às das necrópoles aqui tratadas (Ingram, 2005). Por fim, a datação por radiocarbono e o espólio documentado sugerem uma cronologia que se situará entre o século VII e a primeira metade do século VI a.C.

Como já referimos anteriormente, na margem esquerda do Guadiana em território hoje português, as inumações de Montinhos 6, de Monte da Lage e possivelmente de Alto de Brinches 3, constituem os primeiros enterramentos sidéricos registados, revestindo-se assim da maior

importância para o estudo da Idade do Ferro nesta região alentejana.

Do ponto de vista da arquitetura, dos rituais fúnebres e dos espólios funerários, a margem esquerda do Guadiana apresenta semelhanças com o panorama recentemente conhecido na região de Beja, não tendo sido até à data detetadas necrópoles de arquitetura pétreia semelhante às conhecidas na zona de Ourique. A este propósito, gostaríamos de fazer um pequeno parêntese na temática principal que aqui nos ocupa e deixar uma chamada de atenção para uma discussão que se iniciou e se tem desenvolvido¹ em torno das necrópoles existentes na zona envolvente de Beja (Fig. 8), nomeadamente as necrópoles de Palhais (Santos & *alii*, 2009; Valério & *alii*, 2013), Vinha das Calças 4² (Arruda & *alii*, no prelo; Gomes, no prelo), Carlota (Salvador & Pereira, 2012), Cinco Reis 8³ (Salvador & Pereira, no prelo), Monte Marquês 7 (Santos & *alii* 2009, pp. 758, 759, 775), Poço da Gontinha I, Poço Novo I e Fareleira 3 (Figueiredo, 2014, pp. 125–131; Figueiredo & Mataloto, no prelo), Pisões (Bargão & Fernandes, no prelo), Herdade das Carretas, em Quintos (Viana, 1945, p. 311), Quinta do Estácio 6⁴, Monte do Bolor 1/2 e Salvada 11⁵. Por um lado, a arquitetura ortogonal dos recintos sepulcrais escavados no caliço, presentes apenas em algumas das necrópoles referidas, tem sido debatida como possivelmente conotável com a arquitetura ortogonal dos monumentos sepulcrais pétreos da zona de Ourique. Por outro, a diferença construtiva entre ambos tem sido explicada com a diferença geológica das diferentes áreas regionais. Assim, na zona de Ourique, um substrato geológico duro e predominantemente xistoso favorecerá a existência de necrópoles de “estrutura positiva”, construídas com recurso a estruturas pétreas, dada a dificuldade em escavar o substrato geológico. Já na zona de Beja, a inexistência ou escassez de rochas duras e a predominância de um substrato geológico brande denominado “caliço”, favorecia a construção de necrópoles de “estrutura negativa”, construídas com recurso a fossos facilmente escavados no substrato, os quais delimitam recintos funerários ortogonais. Para este segundo tipo de necrópoles foi também já sugerido que poderiam não ser exclusivamente compostas por estruturas negativas, mas que poderiam também possuir alguma estrutura construída em altura (Santos & *alii*,

¹ Referimo-nos especificamente aos debates públicos sobre estas necrópoles que se desenvolveram em diversos colóquios e apresentações realizados entre os inícios de 2010 e finais de 2012, onde as hipóteses que adiante mencionamos, bem como outras, foram avançadas e discutidas pelos participantes.

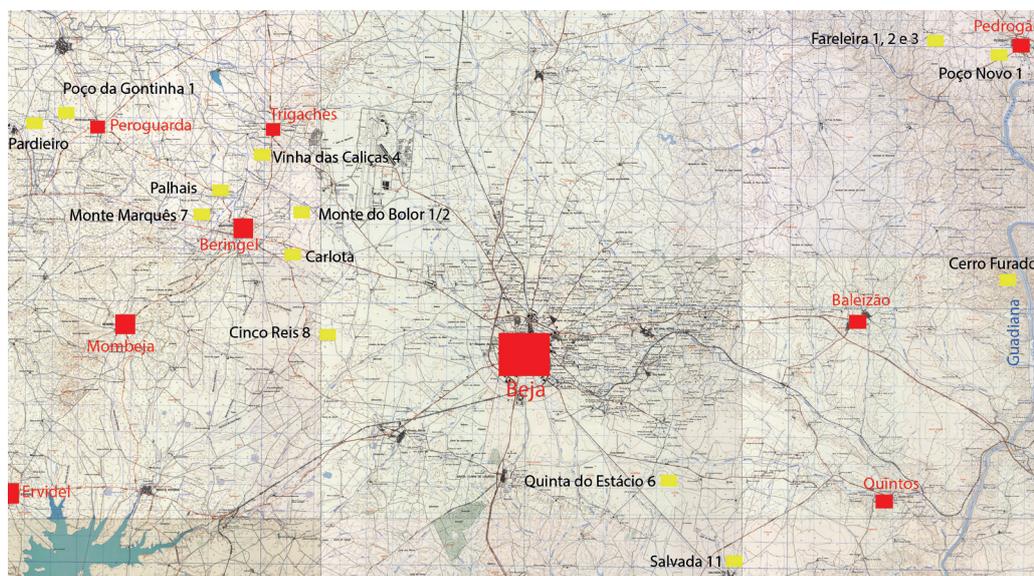
² Necrópole inicialmente dada a conhecer num artigo publicado na revista *National Geographic Portugal*, na sua edição de setembro de 2009. Posteriormente, seria alvo de uma exposição pública intitulada “Vinha das Calças 4 - O lento despertar”, inaugurada a 24 de fevereiro de 2010 nas instalações da EDIA em Beja, no decorrer do “4.º Colóquio de Arqueologia do Alqueva”, onde foi possível observar diversos materiais aí recuperados.

³ Em novembro de 2011 decorreu na Associação dos Arqueólogos Portugueses a conferência intitulada “A Idade do Ferro do Sul de Portugal: O mundo funerário, dados recentes”, no âmbito da qual foram apresentadas a necrópole de Carlota, por Rosa Salvador Mateos e a necrópole de Cinco Reis 8, por António Dias Diogo e Laura Trindade.

⁴ Necrópole apresentada no 12.º Colóquio da ERA por Tiago do Pereiro e Rui Mataloto.

⁵ Informação consultada no site: <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/>.

Fig. 8 – Necrópoles da região em torno a Beja (assinaladas a amarelo).



⁶ A este propósito, refira-se a semelhança (necrópoles de estruturas pétreas, cremações e espólio), já comentada por Jiménez (2004, pp. 108, 110), entre as necrópoles de Ourique e a necrópole de El Jardal (Badajoz), que o levaram a considerar como hipótese de trabalho uma homogeneidade cultural entre as duas áreas (note-se que há data se desconheciam por completo as recentemente descobertas necrópoles da zona de Beja), revelando este caso que, para uma mesma cronologia, duas áreas geograficamente distantes podem apresentar soluções construtivas muito semelhantes ao nível das necrópoles.

⁷ Note-se apenas a existência das mesmas soluções construtivas, em áreas ainda mais distantes, nomeadamente nos designados “túmulos principescos” do século V a.C. em França, os quais também possuem fossos retangulares (Dubuis & alii, 2015).

⁸ A título de curiosidade, refira-se que na zona de Beja observam-se estruturas negativas idênticas em Monte Bolor 3, também conotadas pelos seus escavadores com atividades agrícolas (Borges & alii, 2012, p. 128, fig. 26).

2009, p. 760), quer fosse em pedra, madeira ou em terra e que assinalasse a sua existência na paisagem, à semelhança do que sucede com as necrópoles com estruturas tumulares pétreas. É precisamente sobre esta hipótese que gostaríamos de introduzir um paralelo proveniente de uma área regional do sul peninsular, o qual nos parece útil para a suportar, ainda que notemos que o paralelo em causa se encontre muito distante geograficamente.

Trata-se da necrópole de Fuente de Piedra (Málaga), situada numa zona plana ao sul da povoação que lhe dá nome, e datada do século VI a.C. (Andrino & alii, 2008). Esta necrópole, escavada de urgência também num contexto de obras, foi detetada durante a decapagem dos sedimentos superficiais, a qual revelou a existência de várias estruturas negativas escavadas no calíço, nomeadamente sete fossos de planta circular e dimensão variável até um máximo de 15 m de diâmetro (o único parcialmente escavado, possuía secção em “V” e 1,20 m de profundidade), sendo que um deles parecia ter um enterramento de incineração (estrutura funerária 139) no próprio fosso (Andrino & alii, 2008, pp. 372, 375). No centro dos recintos criados pelos fossos, encontram-se uma ou duas sepulturas de incineração escavadas no substrato, sempre com orientação este-oeste, constituindo uma necrópole gregária e possivelmente hierarquizada, em muito semelhante às necrópoles detetadas na zona de Beja, apesar das diferenças evidentes.

Não nos interessa fazer aqui a discussão das

semelhanças/diferenças culturais, materiais e cronológicas entre as necrópoles e as regiões atrás mencionadas⁶. Em contrapartida, interessa-nos chamar a atenção para a notável semelhança da estrutura do pensamento e das soluções construtivas utilizadas em ambos os casos, isto é, a construção de recintos de fossos escavados no calíço, delimitando áreas sepulcrais⁷. Por outro lado, e principalmente, importa trazer para a discussão as conclusões a que os escavadores da necrópole de Fuente Piedra chegaram, dadas as evidências detetadas, sobre a presença de uma espécie de *tumulus*, composto por sedimentos, que cobriria as sepulturas enquadradas pelos fossos delimitadores, tendo esse *tumulus* desaparecido há muito, em virtude de ações erosivas naturais ou pela agricultura (Andrino & alii, 2008, p. 372). A prova de que esse *tumulus* teria existido encontra-se na presença de estruturas negativas agrícolas escavadas no calíço na zona envolvente da necrópole (possivelmente para cultivo de vinha), as quais se encontram ausentes no interior da zona dos recintos, facto explicado pela existência de um *tumulus*, que protegeu a área da necrópole das ditas estruturas negativas agrícolas⁸, de cronologia posterior (segundo Andrino & alii, 2008, p. 376), de cronologia nunca anterior aos séculos I–II d.C., tendo em conta a necrópole romana existente no local). Pensamos, pois, que este paralelo arqueológico pode constituir um elemento útil para melhor compreender as necrópoles deteta-

das em torno de Beja, bem como as necrópoles que eventualmente se venham a descobrir no futuro na zona da margem esquerda do Guadiana.

Concluindo, Montinhos 6 e Monte da Lage, pequenas necrópoles sidéricas isoladas no campo, remetem-nos para a presença de um cenário de povoamento humano marcado por uma intensa ocupação rural, dispersa pela paisagem da margem esquerda do Guadiana durante a I Idade do Ferro, à semelhança do que se verifica em outras áreas regionais do Alentejo (Figueiredo & Mataloto, no prelo; Mataloto, 2004, 2010—2011, pp. 95–96), dispersão essa que se terá iniciado nesta região com a queda dos grandes povoados do Bronze Final, como o do Castro dos Ratinhos (Lima, 1960; Berrocal & Silva, 2010), entre vários outros possíveis de citar (Antunes & alii, no prelo; Soares, 2013). A este propósito, note-se que, apesar de na margem esquerda do Guadiana não se conhecerem povoados de grande dimensão que durante a I Idade do Ferro centralizassem o poder sobre o território (Soares, 2012), para a margem direita tem sido recentemente sugerido (Serra, 2014, p. 288; Vilaça, 2014, pp. 105, 106) que poderia existir um povoado da I Idade do Ferro de grandes dimensões na colina da cidade de Beja, o qual se iniciaria no século VII a.C. e corresponderia a uma transferência de populações do povoado do Bronze Final do Outeiro do Circo (hipótese formulada pelos autores mencionados, com base em Lopes, 2010, p. 78). Por vezes, em alguns debates públicos (4.º Colóquio de Arqueologia do Alqueva; Sidereum Ana III), tem sido ainda sugerido que este povoado antigo de Beja poderia inclusivamente justificar a quantidade e riqueza das necrópoles dos Barros de Beja, por oposição a uma explicação da existência destas necrópoles baseada na ocupação rural. Contudo, parece-nos que esta hipótese de um aglomerado habitacional do século VII a.C. em Beja, que centralizasse o poder neste território, carece de uma cada vez mais desejável publicação de materiais e evidências que o comprovem devidamente, dado o tempo que já passou desde a primeira sugestão relativa à sua existência.

Assim, durante a I Idade do Ferro, esta intensa ocupação rural sem povoados centralizadores ter-se-á desenvolvido na margem esquerda do Guadiana em sítios como o Passo Alto (Soares & alii, 2010), Torre Velha 3 (Estrela & alii, 2012), Barrinhos 4 (Valério & alii, 2015), entre outros (Albergaria & Melro, 2013), sendo que alguns se complexificaram até atingir a dimensão e a importância de ocupações rurais como o Cabeço Redondo (Soares, 2012; Soares & Soares, no prelo; Soares & alii, 2013; Cardoso & Soares, 2013; Valério & alii, 2015) e Azougada (Antunes, 2009; Soares, 2012, pp. 11–30) na segunda metade do século V a.C., os quais, em virtude da sua dimensão, poderão ter começado a desempenhar um papel destacado nas comunidades e territórios em que se inseriam. Este momento de dispersão rural terminaria, enfim, com o surgimento de um novo processo de concentração populacional em locais de defensabilidade evidente, o qual se terá iniciado na margem esquerda do Guadiana durante o século IV a.C., como no caso do Castelo de Serpa (Soares & Braga, 1986), do Castelo Velho de Safara (Costa, 2010; Soares, 2001) ou do Castelo de Moura (Soares, 2012, pp. 8–11).

Pensamos que a este momento de concentração populacional em grandes povoados a partir do século IV a.C. em diante, corresponderá também uma mudança ao nível da implantação e arquitetura das necrópoles, bem como dos espólios e rituais fúnebres, sendo provável que ao invés de necrópoles dispersas pelo mundo rural, poderão começar a surgir necrópoles concentradas em zonas muito próximas dos grandes povoados, generalizando-se a prática de cremações, como parece ser o caso, na margem direita do Guadiana, da necrópole e povoado do Cerro Furado (Arnaud & Gamito, 1974–1977, p. 195; Arruda & Lopes, 2013; Gonçalves, Costa & Angelucci, 2007; Lopes, 2003, p. 100; Ribeiro & Ferreira, 1971, p. 257), não sendo improvável que este cenário se estenda à margem esquerda.

Por fim, deixamos como esperança futura que novos dados, de futuras intervenções, venham a enriquecer o panorama funerário sidérico que se começou aqui a traçar.

Bibliografia citada

- ALBERGARIA, João; MELRO, Samuel (2013) – *Ocupação proto-histórica na margem esquerda do Guadiana*. Évora: EDIA.
- ALVES, Catarina; COSTEIRA, Catarina; ESTRELA, Susana; PORFÍRIO, Eduardo; SERRA, Miguel (2014) – Intervenção arqueológica no sítio de Alto de Brinches 3 (Reservatório Serpa – Norte): resultados preliminares. In *Actas do 4.º Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O Plano de Rega (2002–2010)*. Évora: EDIA, pp. 125–131.
- ANDRINO REVILLAS, Maya; SÁNCHEZ BANDERA, Pedro; CUMPIÁN RODRÍGUEZ, Alberto; LÓPEZ CHAMIZO, Sonia (2008) – Una necrópolis de incineración de las etapas iniciales de la Edad del Hierro en la Comarca de Antequera. Resultados de la intervención arqueológica de urgencia en la parcela UR-6, Fuente de Piedra, Málaga. In *Ier Congreso Internacional de Arqueología Ibérica Bastetana. Universidad Autónoma de Madrid*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, pp. 359–378.
- ANTUNES, Ana Sofia (2009) – *Um conjunto cerâmico da Azougada. Em torno da Idade do Ferro pós-orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- ANTUNES, Ana Sofia; SOARES, António Monge; DEUS, Manuela; SOARES, Rui Monge (no prelo) – Povoamento orientalizante na margem esquerda do Guadiana. Uma leitura a partir do Passo Alto e de Serpa. In *Actas do Encontro “Sidereum Ana III «El Río Guadiana y Tartessos»”* (Mérida, 19 a 21 de setembro de 2012).
- ARNAUD, José Morais; GAMITO, Teresa Júdice (1974–1977) – Cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro do Sul de Portugal. I – Cabeço de Vaíamonte – Monforte. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 3. 7–9, pp. 165–202.
- ARRUDA, Ana Margarida (2001) – A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2, pp. 207–291.
- ARRUDA, Ana Margarida; LOPES, Maria Conceição (2013) – Dois vasos gregos da necrópole do Cerro Furado (Baleizão, Beja – Portugal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V. 2, pp. 401–415.
- ARRUDA, Ana Margarida; BARBOSA, Rui; SOUSA, Elisa; GOMES, Francisco (no prelo) – A necrópole da Vinha das Caliças (Beringel, Beja, Portugal). In *Actas do Encontro “Sidereum Ana III «El Río Guadiana y Tartessos»”* (Mérida, 19 a 21 de setembro de 2012).
- BAPTISTA, Lídia; PINHEIRO, Rui; RODRIGUES, Zélia (2013) – Espacialidades dos cadáveres em Montinhos 6: Contributos para uma compreensão das práticas funerárias da Idade do Bronze no Sudoeste Peninsular. In *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular. Almodôvar, 18 a 20 de Novembro de 2010*. Almodôvar: Câmara Municipal, pp. 149–170.
- BARGÃO, Patrícia; FERNANDES, Dulce (no prelo) – A necrópole de Pisões (Beja). Apresentação dos primeiros resultados e leituras. In *Actas do Encontro “Sidereum Ana III «El Río Guadiana y Tartessos»”* (Mérida, 19 a 21 de setembro de 2012).
- BERROCAL RANGEL, Luis; SILVA, António Carlos (2010) – *O Castro dos Ratinhos (Barragem de Alqueva, Moura): escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004–2007*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- CARDOSO, João Luís; SOARES, Rui Monge (2013) – Fauna mamalógica no sítio pós-orientalizante do Cabeço Redondo (Sobral da Adiça, Moura) – escavações de 2011. *Al-Madan*. Almada. Série II. 18, pp. 87–92.
- CELESTINO PÉREZ, Sebastián, ed. (2003) – *Cancho Roano IX. Los materiales arqueológicos*. Mérida: Junta de Extremadura.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (1993) – As necrópoles da Idade do Ferro do sul de Portugal: arquitectura e rituais. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 33:3–4, pp. 351–375.
- COSTA, Cláudia; GOMES, Sérgio; BAPTISTA, Lídia (2013) – Depósitos faunísticos dos enchimentos das estruturas em negativo de planta sub-retangular alongada e em forma de “osso” da Pré-História Recente do interior alentejano. In *I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 21 a 24 de novembro de 2013). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 387–395.
- COSTA, Teresa (2010) – *O Castelo Velho de Safara (Moura): elementos para o seu estudo*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado, exemplar policopiado.
- DEUS, Manuela de; CORREIA, José (2005) – Corte Margarida. Mais uma necrópole orientalizante no Baixo Alentejo. In CELESTINO PÉREZ, Sebastián; JIMÉNEZ ÁVILA, Javier, eds. – *El Período Orientalizante, Protohistoria del Mediterráneo Occidental. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida, I, pp. 615–618.
- DIAS, Maria Manuela Alves; BEIRÃO, Caetano de Melo; COELHO, Luís (1970) – Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo Alentejo: Ourique (notícia preliminar). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 3, pp. 175–219.
- DIAS, Maria Manuela Alves; COELHO, Luís (1983) – Objectos arqueológicos de um túmulo de incineração da necrópole proto-histórica da Herdade da Favela Nova (Ourique). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 1, pp. 197–206.

- DUBUIS, Bastien; JOSSET David; MILLET, Émilie; VILLENAVE, Céline (2015) – La tombe princière du Ve siècle avant notre ère de Lavau “Zac du Moutot” (Aube). *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 112:2, pp. 371–374.
- ESTRELA, Susana; COSTEIRA, Catarina; ALVES, Catarina; PORFÍRIO, Eduardo; SERRA, Miguel (2012) – Torre Velha 3: um novo ponto no mapa da Idade do Ferro do Sudoeste. In *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Almodôvar, 18 a 20 de novembro de 2010)*. Almodôvar: Câmara Municipal, pp. 235–268.
- FIGUEIREDO, Margarida (2014) – Poço da Gontinha 1 (Ferreira do Alentejo): resultados preliminares. In *Actas do 4.º Colóquio de Arqueologia do Alqueva: o Plano de Rega (2002–2010)*. Évora: EDIA, pp. 125–131.
- FIGUEIREDO, Margarida; MATALOTO, Rui (no prelo) – Necrópoles rurais sidéricas do Baixo Alentejo setentrional: sociedade e mundo funerário nos Barros de Beja. In *Actas do Encontro “Sidereum Ana III «El Río Guadiana y Tartessos»”* (Mérida, 19 a 21 de setembro de 2012).
- GOMES, Francisco (no prelo) – Mediterranean goods in “Post-Orientalizing” funerary contexts of southern Portugal: some remarks on consumption, peripherality and cultural identity. In *Actas del XVIII Congreso Internacional de Arqueología Clásica*. Mérida.
- GONÇALVES, David; COSTA, Ana Maria; ANGELUCCI, Diego (2007) – Cremações da Necrópole do Cerro Furado (Baleizão/Beja). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- INGRAM, Rebecca Suzanne (2003) – *Faience and glass beads from the late Bronze Age shipwreck at Uluburun*. Master’s thesis, Texas A&M University.
- JIMÉNEZ ÁVILA, Javier (2004) – La necrópolis de El Jardal (Herrera del Duque, Badajoz): elementos para una revisión cronológica de las necrópolis de la 1.ª Edad del Hierro del sur de Portugal. In *Actas do II Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Faro, 7 e 8 de Novembro de 1996)*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 105–114.
- LIMA, José Fragoso (1960) – Castro dos Ratinhos (Moura, Baixo Alentejo, Portugal). *Zephyrus*. Salamanca. 11, pp. 233–237.
- LOPES, Maria da Conceição (2003) – *A cidade romana de Beja. Percursos e debates acerca da civitas de Pax Iulia*. Coimbra: Universidade.
- LOPES, Maria da Conceição (2010) – Arqueologia das cidades de Beja um projecto da ciência da epiderme das terras que emergem. *Conimbriga*. Coimbra. 49, pp. 69–86.
- MANCIBO DÁVALOS, Juan (2000) – Análisis de los objetos metálicos en el Período Orientalizante y su conexión con el mundo fenicio. Los cuchillos afalcatados. In AUBET SEMMLER, María Eugenia; BARTHÉLEMY, Manuela, eds. – *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos: Cádiz, 2 al 6 de octubre de 1995*. Cádiz: Universidad, vol. 4, pp. 1825–1834.
- MATALOTO, Rui (2004) – *Um “monte” da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no I milénio a.C. do Alentejo Central*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- MATALOTO, Rui (2010–2011) – *Os senhores da terra: necrópoles e comunidades rurais do território alto-alentejano nos sécs. VI–V a.C.* *Arqueologia & História*. Lisboa. 62–63, pp. 77–100.
- RIBEIRO, Elias Caçã; FERREIRA, Octávio da Veiga (1971) – Acerca dos vasos com “janelas triangulares” do castro do Cerro Furado (Guadiana). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 81:3–4, pp. 255–260.
- RODRIGUES, Zélia; ESTRELA, Susana; ALVES, Catarina; PORFÍRIO, Eduardo; SERRA, Miguel (2012) – Os contextos funerários do Sítio de Alto de Brinches 3 (Serpa): dados antropológicos preliminares. In *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Almodôvar, 18 a 20 de novembro de 2010)*. Almodôvar: Câmara Municipal, pp. 73–83.
- SALVADOR MATEOS, Rosa; PEREIRA, José (2012) – A “Necrópole” da Carlota (São Brissos, Beja) no contexto cultural da Iª Idade do Ferro no Baixo Alentejo: dados preliminares. In *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Almodôvar, 18 a 20 de novembro de 2010)*. Almodôvar: Câmara Municipal, pp. 317–330.
- SANTOS, Filipe; ANTUNES, Ana; GRILO, Carolina; DEUS, Manuela de (2009) – A necrópole da I Idade do Ferro de Palhais (Beringel, Beja). Resultados preliminares de uma intervenção de emergência no Baixo Alentejo. In *Actas IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: Universidad, pp. 746–804.
- SERRA, Miguel (2014) – Os Senhores da Planície. A ocupação da Idade do Bronze nos “Barros de Beja” (Baixo Alentejo, Portugal). In *A Idade do Bronze em Portugal: os dados e os problemas*. Tomar: Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar, pp. 270–296.
- SOARES, António Monge; BRAGA, José Rodrigues (1986) – Balanço provisório da intervenção arqueológica já realizada no castelo de Serpa. *Arquivo de Beja*. Beja. Série 2. 3, pp. 167–198.
- SOARES, António Monge (2001) – O Castelo Velho de Safara: notícia preliminar. *Vipasca*. Aljustrel. 10, pp. 57–64.

- SOARES, António Monge (2013) – O sistema de povoamento do Bronze Final no Baixo Alentejo – Bacia do Guadiana. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, pp. 273–302.
- SOARES, António Monge; ANTUNES, Ana Sofia; QUEIROZ, Paula; DEUS, Manuela de; SOARES, Rui Monge; VALÉRIO, Pedro (2010) – A ocupação sidérica do Passo Alto (V.V. de Ficalho, Serpa). In PÉREZ MACÍAS, Juan Aurelio; ROMERO BOMBA, Eduardo, eds. – *Actas del IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: Universidad, pp. 544–554.
- SOARES, Rui Monge (2012) – *O Cabeço Redondo: um edifício da Idade do Ferro pós-orientalizante na Herdade do Metum (Moura)*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado, exemplar policopiado.
- SOARES, Rui Monge; SOARES, António Monge (no prelo) – O Cabeço Redondo (Moura): um edifício monumental e singular na margem esquerda do Guadiana. In *Actas do Encontro “Sidereum Ana III «El Río Guadiana y Tartessos»* (Mérida, 19 a 21 de setembro de 2012).
- SOARES, Rui Monge; VALÉRIO, Pedro; SOARES, António Monge; ARAÚJO, Maria de Fátima (2013) – Rodas de Oleiro no Pós-Orientalizante: primeiros achados em território português no Cabeço Redondo (Sobral da Adiça, Moura). In JIMÉNEZ ÁVILA, Javier; BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena; GARCÍA CABEZAS, Miriam, eds. – *Actas del VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular (Villafranca de los Barros, 4–6 de octubre de 2012)*. Villafranca de los Barros: Ayuntamiento, pp. 1133–1155.
- SOARES, Rui Monge; MARTINS, Artur (2013) – A necrópole da Nora Velha 2 (Ourique): novos dados e interpretações 20 anos após a sua escavação. In *I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 21 a 24 de novembro de 2013). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 661–669.
- VALÉRIO, Pedro; SILVA, Rui; SOARES, António Monge; ARAÚJO, Maria de Fátima; GONÇALVES, António Pereira; SOARES, Rui Monge (2015) – Combining X-ray based methods to study the protohistoric bronze technology in Western Iberia. *Nuclear Instruments and Methods in Physics Research Section B: Beam Interactions with Materials and Atoms*. Amsterdam. 358, pp. 117–123.
- VALÉRIO, Pedro; SOARES, António Monge; ARAÚJO, Maria de Fátima; SILVA, Rui; SANTOS, João (2013) – The distinctive grave goods from Palhais (Beja, Portugal). New insights into the metallurgical evolution under orientaling influence in the southwestern end of Iberia. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 70:2, pp. 361–371.
- VIANA, Abel (1945) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja. 5, pp. 3–39.
- VILAÇA, Raquel (2014) – Ensaio sobre a região de Beja em torno do ano mil a.C. Entre a tradição e a inovação. In VILAÇA, Raquel; SERRA, Miguel, eds. – *A Idade do Bronze do Sudoeste: novas perspetivas sobre uma velha problemática*. Coimbra: Universidade de Coimbra; Palimpsesto, pp. 99–123.
- VILHENA, Jorge (2006) – *O sentido da permanência: as envolturas do Castro da Cola nos 2.º e 1.º milénios a.C.* Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado, exemplar policopiado.
- VILHENA, Jorge (2008) – As armas e os barões assinalados? Reflexões em torno das necrópoles monumentais do “Ferro de Ourique” (Sul de Portugal). In JIMÉNEZ AVILA, Javier, ed. – *Actas del Coloquio Sidereum Ana I. El Río Guadiana en el Época Postorientalizante (Mérida, 24–26 de mayo de 2006)*. Madrid: C.S.I.C. 46, pp. 327–351.
- WASTERLAIN, Rosa Sofia (2000) – *Análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da coleção de esqueletos identificados do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra*. Dissertação de mestrado em Evolução Humana. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Departamento de Antropologia, exemplar policopiado.